



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

ENTRE PREGOS E MARTELOS

A CASA DO MEU AVÔ COMO PATRIMÔNIO DA CARPINTARIA

Gabriela Santiago Xavier¹

RESUMO

Este artigo busca uma nova perspectiva sobre a importância da carpintaria na arquitetura, destacando sua relevância histórica e como auxilia na valorização do patrimônio cultural material e imaterial no Brasil, uma vez que, atualmente, é assunto pouco explorado como objeto acadêmico. Com esse propósito, o objeto de estudo para aprofundamento é a casa que meu avô, Valdemar, localizada em Castro Alves - BA como uma obra de arte da carpintaria, que era seu ofício, destacando a influência africana na construção, além da oralidade na transmissão e prática do desenvolvimento da carpintaria. Complementarmente, esse trabalho visa manter viva a memória de tantos carpinteiros que, como meu avô, que atuaram na formação das cidades que compõem o interior baiano.

PALAVRAS-CHAVE: Carpintaria; Memória; Arquitetura.

RESUMEN

Este artículo busca una nueva perspectiva sobre la importancia de la carpintería en la arquitectura, destacando su relevancia histórica y cómo ayuda a valorar el patrimonio cultural material e inmaterial en Brasil, ya que actualmente es un tema poco explorado como objeto académico. Con este propósito, el objeto de estudio para profundización es la casa que mi abuelo, Valdemar, ubicada en Castro Alves - BA como obra de arte de carpintería, que era su oficio, destacando la influencia africana en la construcción, además de la oralidad en la transmisión y práctica del desarrollo de la carpintería. Además, este trabajo pretende mantener viva la memoria de tantos carpinteros que, como mi abuelo, trabajaron en la formación de las ciudades que conforman el interior de Bahía.

PALABRAS CLAVE: Carpintería; Memoria; Arquitectura.

ABSTRACT

This article seeks a new perspective on the importance of carpentry in architecture, highlighting its historical relevance and how it helps to enhance the material and immaterial cultural heritage in Brazil, since it is currently a subject little explored as an academic object. With this purpose, the object of study for further study is the house that my grandfather, Valdemar, located in Castro Alves - BA as a work of art of carpentry, which was his craft, highlighting the African influence on construction, in addition to the orality in the transmission and practice of the development of carpentry. In addition, this work aims to keep alive the memory of so many carpenters who, like my grandfather, worked in the formation of the cities that make up the interior of Bahia.

KEYWORDS: Carpentry; Memory; Architecture.

¹ Arquiteta e urbanista. Universidade Federal da Bahia (UFBA) e-mail: gabisantiago03@outlook.com



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

INTRODUÇÃO

Esse projeto se propõe a entender o passado antes de pensar no futuro. Como arquiteta e urbanista, questiono como nós, enquanto sociedade, estamos sempre à procura de novas tendências, esquecendo de técnicas e materiais antigos devido à da incessante busca pelo novo e consequentemente subestimando as valiosas técnicas construídas no passado. Dentre os diversos motivos que isto pode acontecer, percebo alguns principais: (i) a busca por novidades que podem ser influenciadas pela cultura do consumo; (ii) o bombardeio de informações que somos expostos diariamente através da tecnologia e da mídia que priorizam novas tendências e nos fazem ter a impressão de que estamos sempre "atrasados" se não acompanharmos todas as evoluções e propor novas soluções de forma imediata; e (iii) toda nossa cultura é pautada e impactada por uma cultura ocidental e eurocêntrica que valoriza a inovação, o progresso e a busca pelo novo como um sinal de desenvolvimento e avanço.

Nesse sentido, mais do que pensar o passado, é preciso entender que a história nos possibilita imaginar um futuro diferente do que vivemos hoje. Trata-se de compreender as tendências e os legados deixados por quem arduamente construiu as cidades, conseguir evitar os mesmos ciclos que já constatamos serem ineficientes, e assim ter a oportunidade de replicar e criar novas soluções na arquitetura moderna, sendo que estas não precisam, necessariamente, retirar e construir do zero o que foi feito, mas trazer inovações que não descaracterizem o que é antigo e que também agreguem novas ideias, tecnologias e abordagens. Acredito que a inovação é conhecer e preservar as tradições e ao mesmo tempo aprimorá-las para atender às necessidades e os desafios atuais.

Dos muitos questionamentos que me assolam, existe o pensar em formas de entender o mundo da arquitetura e como as variadas técnicas de construção se unem para produzir e moldar a cidade que vivenciamos e conhecemos hoje, além da invisibilização e falta de reconhecimento dos profissionais que, nos bastidores, contribuem para a



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

construção da cidade, ficando na sombra dos grandes nomes da arquitetura e urbanismo. A cidade não é produzida apenas por arquitetos, mas por pessoas que, assim como meu avô, Valdemar, que era carpinteiro, são esquecidas quando questionamos "quem construiu a cidade?".

Esse artigo surge a partir dos meus antepassados, mulheres e homens negros, que batalharam e abriram o caminho para que eu seja quem sou hoje, com minhas crenças e valores. Trago comigo a ancestralidade de meu avô como referência principal para pensar e desenvolver esse artigo. Acredito que, dessa forma, conseguirei manter viva e preservada a memória e a identidade de quem ajudou arduamente a moldar a história da forma que conheço hoje por meio de seus conhecimentos e experiências.

Quando Ailton Krenak (2022) cita que “o futuro é ancestral” significa entender que nossa ancestralidade é a força que nos coloca no fluxo correto de nossas histórias e que é necessário conhecer nosso passado para construir nosso futuro.

O presente trabalho situa-se na cidade de Castro Alves (Figura 1).

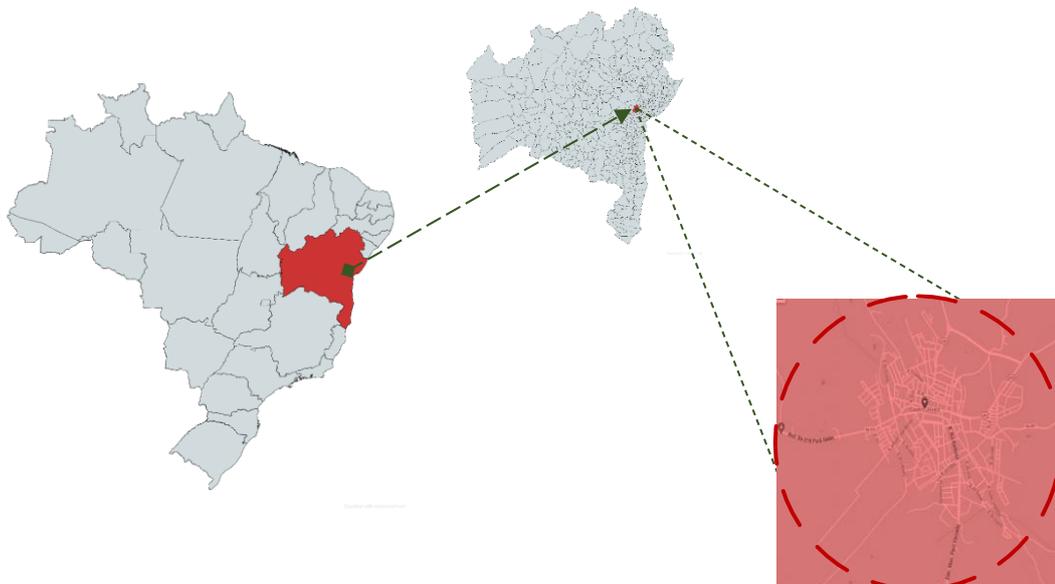


Figura 1: Mapa de localização da cidade de Castro Alves. Fonte: Google Maps. Adaptado pela autora.



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

CONTEXTUALIZAÇÃO

A casa do meu avô é um exemplo de arquitetura simples, caracterizada por uma tipologia e materiais que seguem um rigor técnico sem grandes ornamentações, refletindo a vida cotidiana de seus moradores, sendo a funcionalidade o principal requisito, garantindo um abrigo que atendesse às necessidades de moradia da família formada, principalmente, por meu avô, minha avó, minha mãe, meus cinco tios e tias.

Verifica-se que a construção da casa, atualmente, composta por madeira e tijolo cerâmico, não possui tecnologia da forma que conhecemos hoje como, por exemplo, as tecnologias de automação residencial, por esse motivo, pode-se concluir que não é uma casa que se destaca em meio às inovações arquitetônicas cumprindo os requisitos necessários para entrar nos livros de arquitetura.

Este trabalho tem como ponto chave contribuir a partir do ponto de vista do povo negro que construiu moradias com suas próprias mãos, o debate sobre as casas cotidianas que são construídas para atender a atividades rotineiras e de habitação sem, necessariamente, recorrer a grandes inovações arquitetônicas. A ideia é discutir os processos arquitetônicos a partir de outro olhar que é: o olhar da simplicidade enquanto monumento histórico.

Ao longo da história, os "teóricos" brancos deixam de mencionar a cultura rica e diversa dos povos africanos, que incluíam línguas, religiões, costumes e tradições próprias. A história da carpintaria está intrinsecamente ligada a esse apagamento.

[...] pela repressão às suas atividades culturais, pela restrição de acesso à certas profissões, as "profissões de branco" (profissionais liberais, por exemplo), também pela restrição de acesso à logradouros públicos, à moradia em áreas de brancos, à participação política, e muitas outras formas de rejeição do negro. (IBGE, 2000, apud OLIVEIRA; FURTADO, 2021, p. 66)



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

Com a vinda dos escravizados africanos que possuíam vasto conhecimento e habilidades de carpintaria, inicia-se a história do ofício no Brasil, entretanto há poucos registros sobre os trabalhos manuais e técnicas sofisticadas, que foram essenciais para a construção de casas, móveis e outras estruturas nas cidades. São raras as contribuições citadas aos africanos quando se pesquisa sobre o tema, dando crédito apenas aos colonizadores brancos.

A arte da carpintaria na África possuía significado cultural e espiritual para as comunidades, pois preservavam as tradições, habilidades e conhecimentos ancestrais relacionados ao trabalho com a madeira. Essa técnica se transmitia através da imitação, pela mimese no trabalho (KATINSKY, 1967, p.522), além de fazer parte de um sistema social estratificado em que as pessoas eram classificadas em grupos distintos, como cita Ki-Zerbo:

De qualquer maneira, a tradição sempre atribuiu aos nobres a obrigação de garantir a conservação das “castas” ou classes de nyamakala (em bambara; nyeenyo, pl. nyeeybe, em fulani). Tais classes gozam da prerrogativa de obter mercadorias (ou dinheiro) não como retribuição de um trabalho, mas como o reclamo de um privilégio que o nobre não podia recusar.

Na tradição do Mande, cujo centro se acha no Mali, mas que cobre mais ou menos todo o território do antigo Bafur (isto é, a antiga África ocidental francesa, com exceção das zonas de floresta e da parte oriental da Nigéria), as “castas”, ou nyamakala compreendem:

- os ferreiros (numu em bambara, baylo em fulfulde);
- os tecelões (maabo em bambara e em fulfulde);
- os trabalhadores da madeira (tanto o lenhador como o marceneiro; saki em bambara, labbo em fulfulde);
- os trabalhadores do couro (garanke em bambara, sakke em fulfulde);
- os animadores públicos (dieli em bambara; em fulfulde, eles são designados pelo nome geral de nyamakala ou membro de uma casta, isto é, nyeeybe). Mais conhecidos pelo nome francês de griot. (KI-ZERBO, 2010, p.190-191)

Na sociedade tradicional africana, as funções costumavam ser divididas de acordo com a especialização e as necessidades da comunidade, dessa forma, os carpinteiros costumavam se dividir por atividades para desempenhar tarefas específicas, ajudando a atender às demandas variadas por objetos de madeira. A divisão de funções na carpintaria mostra o quanto é importante o trabalho em conjunto e a especialização dentro das comunidades africanas.



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

Existem três tipos de carpinteiros (saki em bambara, labbo em fulfulde): • aquele que faz almofarizes, pilões e estatuetas sagradas. O almofariz, onde os remédios sagrados são triturados, é um objeto ritual feito apenas com determinados tipos de madeira. Como na ferraria, a carpintaria simboliza as duas forças fundamentais: o almofariz representa, como a bigorna, o pólo feminino, enquanto o pilão representa, como o martelo, o pólo masculino. As estatuetas sagradas são executadas sob o comando de um iniciado-doma, que as “carrega” de energia sagrada prevendo algum uso particular. Além do ritual de “carregamento”, a escolha e o corte da madeira também devem ser realizados sob condições especiais, cujo segredo só o lenhador conhece. O próprio artesão corta a madeira de que precisa. Portanto, é também um lenhador e sua iniciação está ligada ao conhecimento dos segredos das plantas e da mata. Sendo a árvore considerada viva e habitada por outros espíritos vivos, não pode ser derrubada ou cortada sem determinadas precauções rituais conhecidas pelo lenhador;

- aquele que faz utensílios ou móveis domésticos de madeira;
- aquele que fabrica pirogas, devendo ser iniciado também nos segredos da água. (KI-ZERBO,2010, p.191-192)

Dessa forma, é possível perceber que a carpintaria tem fortes ligações com as comunidades negras e africanas bem como suas culturas ancestrais. Fica evidente que a madeira foi muito usada nas sociedades africanas em vários aspectos da vida cotidiana, como na construção, na criação de mobiliário, utensílios, ferramentas e arte.

Não apagar as memórias é sobre reconhecer e valorizar a herança cultural e as contribuições dos povos africanos em diversas áreas de conhecimento como, por exemplo, na carpintaria, na arquitetura, na construção civil e nas artes. Validar essa herança cultural é uma forma de resgatar as tradições e promover uma descrição mais inclusiva e precisa da história a partir das outras perspectivas e assim obter uma compreensão mais abrangente e justa da história, sem que haja uma visão unilateral dos fatos.

As memórias, dessa forma, englobam um campo vivo de lutas sociais envoltas por narrativas, por isso, a reivindicação em torno do cultural é necessária e tão cara às lutas sociais anticoloniais. Já que a influência imperialista do passado influencia o imaginário sociocultural do presente, as práticas narrativas atuam na (re)configuração, fortalecimento ou invisibilidade de determinadas formas de ser. (ESCOBAR, GOMES; 2021, p. 149)

Acredito que as casas desempenham um papel importante na preservação cultural das cidades, dessa forma, entendo que a casa do meu avô, Valdemar, é um demonstrativo da história da carpintaria e da preservação da memória.



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

A CASA DO MEU AVÔ COMO OBRA DE ARTE DA CARPINTARIA

Castro Alves é uma cidade histórica localizada no interior da Bahia e foi a cidade que meu avô viveu por mais de 60 anos, afinal foi onde fincou suas raízes, criando seis filhos, dois sobrinhos, um afilhado, quatro netos, além disso, acompanhou o crescimento de dois bisnetos. Acredito que não haja um só ponto da cidade que ele não tenha acompanhado as modificações, o crescimento e a expansão.

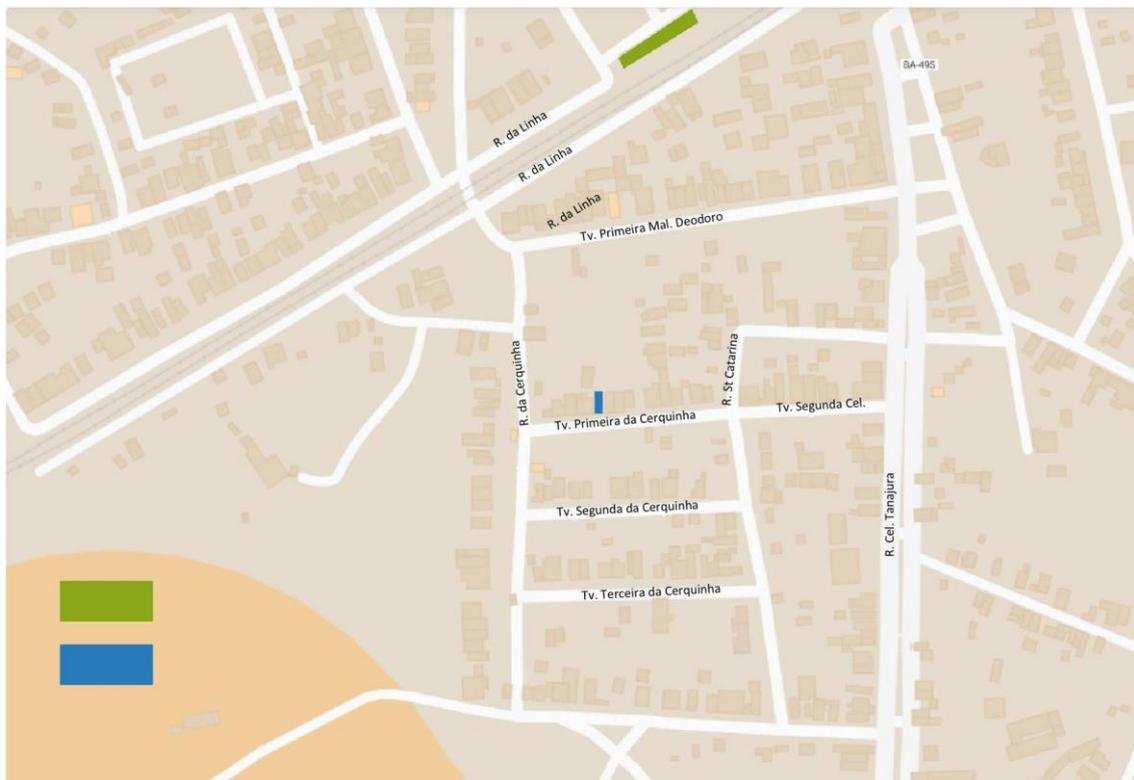


Figura 2: Localização da residência. Fonte: Google Maps. Adaptado pela autora. 2024

Para aprofundar a história do meu avô, decidi começar pelo que considero ser o meio da história, em outras palavras, quando ele conhece minha avó, Silvandira Santiago, na década de 1960, na cidade que atualmente é conhecida como Rafael Jambeiro. Em meados da década de 80, mudaram-se para a cidade de Castro Alves, onde criaram seis filhos e perderam outros três. De acordo com o relato de minha mãe, Sidnea:



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

Minha mãe nasceu em Itaberaba, meu pai trabalhava como viajante nas fazendas do pessoal e lá ele conheceu minha mãe, casou com minha mãe, trouxe minha mãe para lá para Rafael Jambeiro, onde ele nasceu, quer dizer, antigamente era Paratigi o nome, depois que mudou para Rafael Jambeiro. Aí foi onde ela teve nove filhos, desses três faleceu e tem seis vivos, e é isso [...] Ela era novinha, bem novinha, ela trabalhava com sisal, raspando o sisal. Sisal é uma planta que tem chamada sisal. Aí ela raspava para ensacar aquele pó e levava pra vender. Um dia ele chegou, um dia encontrou ela, começou a namorar e casou. Casou e levou ela pra cidade com ele, pra onde ele morava. Aí foi isso. (SANTIAGO, Sidnea; 2024)



Figura 3: Meu avô, Valdemar, e minha avó, Silvandira, sentados no quintal de casa, na casinha do fogão de lenha.

Fonte: Acervo pessoal, data desconhecida.

A história do meu avô é marcada pela transmissão da carpintaria como tradição familiar passada por seu pai e avô. Essa forma de aprendizagem é um aspecto essencial da carpintaria tradicional, onde os ensinamentos das técnicas sobre o uso dos materiais de construção são passados “de pai para filho”. Esse processo garante não apenas a continuidade do ofício, mas também a preservação da autenticidade e da integridade das práticas construtivas tradicionais, como destacado no *Mestres Artífices de Pernambuco* (Zerbetto & Torres, 2012), que aborda a importância da transmissão das técnicas construtivas tradicionais.



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

A transmissão oral era a forma como as comunidades africanas perpetuavam seus conhecimentos e influenciou diretamente a forma de aprendizagem da carpintaria na vida do meu avô.

Sendo a transmissão oral de suma importância para os africanos, passando entre as gerações, os depositários se encarregam de transmitir o que lhes foi ensinado preservando as memórias coletivas e histórias de seu povo. (FILHO, ALVES, 2017, p. 55)

Segundo minha tia, Valdira, meu avô aprendeu sua profissão com o seu pai quando trabalhavam juntos.

Ele aprendeu a ser carpinteiro com o pai dele, com o avô. Naquele tempo era assim que funcionava. Ele foi aprendendo com o avô dele e com o pai dele, um passando para o outro. Foi aprendendo com o pai, trabalhando, na zona rural. E foi isso mesmo, um aprendia e passava para o outro. Aí fazia aquelas casas de taipa, ne?! Aí ele aprendeu tudo com o avô. Com o pai e com o avô. (SANTIAGO, Valdira; 2024)

As narrativas africanas, indígenas e muitas comunidades tradicionais perpetuam sua história de forma oral, onde os conhecimentos são transmitidos de geração em geração através de relatos verbais. A oralidade, pode ser considerada como uma atitude diante da realidade e não a ausência de uma habilidade. (KI -ZERBO, 2010, p.140).

A tradição oral foi definida como um testemunho transmitido oralmente de uma geração a outra. Suas características particulares são o verbalismo e sua maneira de transmissão, na qual difere das fontes escritas. Devido à sua complexidade, não é fácil encontrar uma definição para tradição oral que dê conta de todos os seus aspectos. Um documento escrito é um objeto: um manuscrito. Mas um documento oral pode ser definido de diversas maneiras, pois um indivíduo pode interromper seu testemunho, corrigir-se, recomeçar, etc. Uma definição um pouco arbitrária de um testemunho poderia, portanto, ser: todas as declarações feitas por uma pessoa sobre uma mesma sequência de acontecimentos passados, contanto que a pessoa não tenha adquirido novas informações entre as diversas. (KI -ZERBO, 2010, p.141)

De acordo com Sidnea Santiago, “O pai aprendia e ia levando o filho, ai ele aprendeu com o pai dele, ele fazia de tudo. Ele fazia mais cerca porque era mais comum, mas o que tivesse de trabalho pai pegava e fazia. Sempre gostou de trabalhar”. (SANTIAGO, Sidnea; 2024).



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

Ao discutir a oralidade citada por Antônio Bispo (2018), faz-se necessário reconhecer a importância de preservar e valorizar as tradições orais, bem como buscar maneiras de documentar e registrar essas narrativas para garantir sua continuidade. Para isso, é fundamental, primeiramente, entender qual a gênese daquela tradição para garantir uma compreensão mais completa e inclusiva da história e cultura de um povo, uma vez que a história pertence àqueles que a vivenciam, narram e preservam suas memórias e tradições. No episódio "Antônio Bispo:

Estado e partido são colonialistas" do podcast Ilustríssima Conversa cita:

Quando você vê o rio na enchente, você não está vendo o rio, você está vendo a enchente do rio. Você só conhece o rio se você conhecer a nascente. Porque a enchente é passageira. Não dá para você conhecer o rio se você conhecer a nascente. Então, não dá para conhecer a sociedade vendo apenas a movimentação da sociedade. É necessário ver a nascente dessa sociedade. Onde é que ela nasceu? (SANTOS, 2023, n.p.)

O trabalho do meu avô, como carpinteiro, permitiu que realizasse viagens para conhecer o interior da Bahia quase todo construindo cercas de madeira, portas, janelas e tudo que foi possível construir. Durante esse período, voltava poucas vezes para casa no mês para levar o dinheiro para alimentação da família e saía novamente em busca de novos trabalhos.

Ele trabalhava na fazenda do pessoal, fazendo cerca, essas coisas, viajando como carpinteiro também, porque ele era carpinteiro, trabalhou com carpintaria, já foi várias vezes em São Paulo trabalhar com carpintaria... E depois ele perdeu um dedo na carpintaria. Depois disso ele voltou para o interior e ficou trabalhando na fazenda do pessoal arrancando toco, fazendo cerca, cuidando das plantações, cuidando de animais, do povo, das galinhas, criando... Essas coisas. (SANTIAGO, Sidnea; 2024)

O carpinteiro é aquele que se ocupa de cortar, lavrar e talhar a madeira para a construção, geralmente beneficia as madeiras mais resistentes e duras, cabendo a ele a montagem das estruturas mais pesadas, como os vigamentos, assoalhos, forros, etc. (CASTRIOTA, 2012, p.18)

A função de carpinteiro deixou marcas na vida do meu avô, como a amputação do polegar da mão esquerda, que costumava segurar seu cigarro. Lembro-me de quando era criança e o questionei: "Cadê seu dedo, vovô?" Ele me respondeu: "O facão comeu,



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

fez 'vapo' e levou meu dedo embora." Perguntei: "E doeu?" Ele respondeu: "Nem senti, tava cortando toco de árvore."



Figura 4: Meu avô sentado na cadeira azul. Fonte: Acervo pessoal. 2013.

Segundo Sidnea Santiago (2024) "Ele trabalhava, era na fazenda, depois por conta própria quando ele já tava na roça. Aí ele já fazia cerca. Trabalhava para outras pessoas, fazendo cerca e destocando árvore."

Pai saia pra trabalhar de ganho, fazer roçagem para os outros, fazer cerca. Pegava o dinheiro que ganhava no dia quando saia do trabalho passava na venda, e era andando e era longe, aí quando vinha comprava carne de sertão, peixe de sal, chegava em casa acendia o fogo de lenha, aí a gente tudo dormindo e ele ia acordar de um em um pra comer com o pirão de água fria com a carne salgada, isso já era umas 10 horas da noite. (SANTIAGO, Valdira; 2024). A gente nasceu em Rafael Jambeiro num lugar chamado era de Paratigi, agora mudou que é Rafael Jambeiro, mudou o nome. E aí quando eu tinha mais ou menos uns seis anos eu lembro, ele vendeu a casa nesse lugar, em Paratigi, e a gente foi morar em Castro Alves, na cidade de Castro Alves, só que ele tinha uma roça... Que é tipo assim... Fora da cidade a gente passava a semana toda de segunda a sexta dentro dessa roça que ele plantava milho, mandioca, feijão, quiabo, abóbora, plantava essas coisas, cana... A gente passava a semana toda nessa roça e só na sexta, no finzinho da tarde que a gente vinha pra cidade pra ir pra feira.(SANTIAGO, Sidnea; 2024)

Meu avô trabalhava arduamente em fazendas, principalmente, em São Paulo, onde conseguiu juntar o dinheiro necessário para comprar uma tarefa de terra em Rafael



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

Jambeiro. Na sua terra, ele plantava e criava animais. Além disso, pescava, usando anzóis que ele mesmo fazia. Segundo Valdira Santiago:

Ele viajava sozinho trabalhando... Só em São Paulo... Pai foi em São Paulo vinte e uma vezes... trabalhar... Sozinho e Jesus! Ele ia de caminhão... ele ia de pau de arara... Naquele tempo não tinha ônibus, aí ele ia de caminhão, de pau de arara demorava uma semana para chegar lá. Aí ele fazia a farofa de carne, comprava a carne, fazia a carne, fazia aquela farofa... botava dentro de uma lata, botava uma cabaça cheia de água e levava para comer. (SANTIAGO, Valdira; 2024).

Mais tarde, ele decidiu vender a terra em Rafael Jambeiro e se mudar para a cidade de Castro Alves, em busca de melhores condições, como acesso a médicos e comércio, que ele via como uma cidade grande. Mesmo após a mudança, ele não deixou para trás a vida rural. Durante a semana, ele e a família passavam os dias no interior de Castro Alves, em uma terra cedida por um conhecido, onde continuava a cultivar as mesmas plantações e criar os mesmos animais. Embora a terra não fosse dele, ele manteve a essência de seu estilo de vida simples e trabalhador.

É... A gente foi morar em Castro Alves, eu tinha uns cinco a seis anos de idade [...] porque meu pai queria mudar de lugar. Queria ir pra cidade. A gente era do interior, bem interior mesmo. E a gente queria ir para a cidade, para tentar a vida na cidade. Como, segundo ele, Castro Alves era uma cidade grande. A diferença era muita de lá de onde eu nasci para Castro Alves. (SANTIAGO, Sidnea; 2024). O terreno do interior era de outra pessoa, a gente morava lá e mãe e pai plantavam as coisas. Mãe cuidava mais da roça porque pai ficava muito tempo fora. Ele usava o terreno e plantava feijão, milho, batata, fumo. Ele e mãe gostavam de fumo... Criava galinha, porco, algumas ovelhas, umas cabras. Ele pescava peixe com anzol que ele mesmo fazia [...] pescava nos rios e tanques. E ele tinha um casal de burros, o macho era Esterneira e a fêmea Estrela. (SANTIAGO, Valdira; 2024).

Como resultado de tanto esforço, meu avô construiu uma casa que serviu de cenário para momentos marcantes com muito amor, felicidade e acalanto. , Mesmo com as dificuldades, sendo o único provedor financeiro da casa, conseguiu pelo seu trabalho sustentar seus filhos e e minha avó, que ficava estritamente com a responsabilidade doméstica.

Pai criou seis filhos deles. Criou um filho de Nega – Nega, é o apelido dado à sobrinha de minha avó – Criou dois sobrinhos. Criou um afilhado chamado Adeni. E depois de velho, criou três netos. [...] O pai foi um guerreiro. O pai lutou, viu? Não foi brincadeira não, viu? Olha, muita luta de pai, viu? Para criar tudo, né?! [...] Era muita luta, era muita luta mesmo muita luta você não tem ideia, viu? Foi



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

brinquedo não viu, Bi. [...] Roupas pra vestir, não tinha. Vestia roupa arremedada, uma sandália arremedada de arame. Era muita luta. E o trabalho era andando que não tinha cavalo, não tinha nada né, era andando lá de baixo de chuva de baixo de sol quente, era barril. (SANTIAGO, Valdira; 2024).

A CASA DO MEU AVÔ COMO OBRA DE ARTE DA CARPINTARIA

A carpintaria da casa de meu avô não é a do jacarandá (tipo de madeira conhecida por ser nobre, de alta qualidade e com alto valor agregado), mas é caracterizada pela utilização de técnicas simples que emergem a partir da materialização dos saberes adquiridos por meio dos conhecimentos, práticas e vivências do dia a dia.

A construção da casa é carregada de tradições que refletem a vida da comunidade e das práticas construtivas da região, bem como suas mudanças no ambiente ao longo do tempo.

Como se sabe, a arquitetura tradicional, fruto de um conhecimento profundo do meio envolvente e da sua relação com os materiais, é um dos mais importantes testemunhos dos modos de viver de um povo e da visão de mundo de uma cultura, que se manifesta na presença humana no território, integrando contextos socioeconômicos, técnicos e culturais. (CASTRIOTA, 2012, p.18)

As madeiras usadas para construir a estrutura da casa eram retiradas da mata local, sendo que meu avô se encarregava de fazer todo o recorte da madeira, transporte e montagem das peças.

Torna-se evidente a influência técnica da arquitetura angolana (Figura 5) na casa do meu avô, uma vez que a casa possuía poucas aberturas de janela, chegando a ter cômodos como, por exemplo, o corredor e os quartos, sem nenhuma janela. Essa conformação arquitetônica se assemelha às técnicas de moradia africana.

A casa do meu avô (Figura 6) possui fachada reta, com poucas ornamentações, que reflete a necessidade de praticidade e funcionalidade durante a elaboração da casa e que são construídas sem a intervenção de arquitetos ou engenheiros.



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem



Figura 5: Algumas tipologias da arquitetura popular angolana. Fonte: Weimer, 2020, pag. 293.



Figura 6: Fachada da casa de meu avô. Fonte: Acervo pessoal. 2024

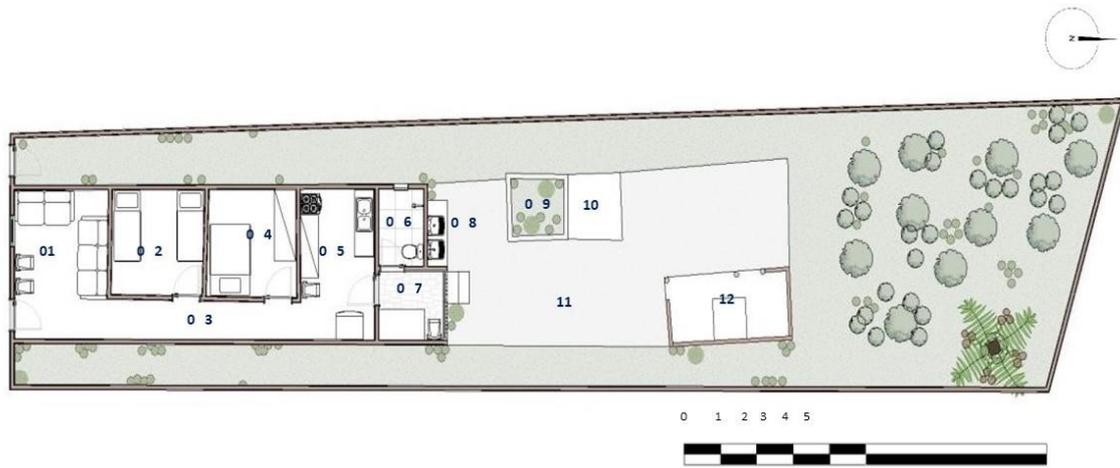
As moradias africanas eram compostas por várias construções monofuncionais, enquanto as dos colonizadores eram multifuncionais. A opção que acabou se impondo entre os afrodescendentes foi a construção de habitações preferencialmente plurifuncionais, com valorização do trabalho ao ar livre, do modo africano. Essas moradias eram destinadas aos casados e eram formadas por duas (ou três) dependências. Tanto nessas casas como nas senzalas, dormia-se em esteiras de palha sobre o chão batido, mas o costume indígena de dormir em redes suspensas foi uma inovação bem aceita. (WEIMER. 2020)

A casa passou por diversas transformações como, por exemplo, a mudança do adobe para alvenaria de bloco cerâmico, entretanto, continuou mantendo características similares às construções africanas: cômodos sem janelas e paredes que não vão até o teto, criando um bolsão de ar e auxiliando na ventilação dos ambientes. Essas características podem ser observadas na planta baixa esquemática (Figura 7).



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

Figura 7: Representação gráfica da casa na cidade, atualmente. Fonte: Elaborado pela autora. 2024.



LEGENDA:

- 01 Sala
- 02 Quarto dos filhos
- 03 Circulação
- 04 Quarto Casal
- 05 Cozinha
- 06 Banheiro
- 07 Varanda
- 08 Lavanderia
- 09 Reservatório sem uso
- 10 Resquício do banheiro externo
- 11 Quintal
- 12 Casinha do fogão a lenha
- 13 Horta do meu avô

A casa do meu avô também seguia a lógica de construção africana, na qual a porta de entrada se constituía como o único ponto de abertura da moradia. Essa abordagem ressalta a contribuição das tradições arquitetônicas africanas, além de evidenciar um entendimento profundo das relações sociais e culturais que permeiam o espaço habitado.

A forma tradicional de ventilação da casa africana que consistia em deixar uma abertura no topo de todas as paredes por meio do afastamento do telhado – solução somente encontrada em descrições da primeira metade do século XIX – vem se adaptando aos modos de construção tradicionais do Brasil português. (WEIMER, p. 19, 2008)



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

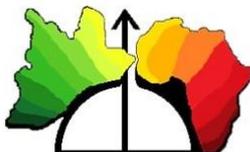
Na Figura 8, é possível visualizar a contribuição arquitetônica africana na construção da casa do meu avô com vão sem janela e paredes que não chegam até o topo da cobertura.



Figura 8: Corredor da casa do Meu avô. Fonte: Acervo pessoal. 2024

Ainda sobre a Figura 8 é possível perceber o madeiramento da cobertura da casa de meu avô. A estrutura do telhado (caibro, ripa, terça, pendural) foi construída com madeira que meu avô cortou e manuseou. Devido ao trabalho ser manual e artesanal, é possível observar irregularidades nas peças de madeira, são essas imperfeições que tornam os detalhes tão ricos.

O grande aliado do meu avô era o facão (Figura 9) e o toco de madeira que ele usava para cortar as toras de madeira. Era comum ele cortar os pedaços de madeira que ficavam embaixo do fogão de lenha para queimá-los.



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem



Figura 9: Tora de madeira e facão. Fonte: Acervo pessoal. 2023.

Além do facão, meu avô utilizava pá e enxada (Figura 10) que servia para auxiliar nos cuidados com a horta e com as plantas que cultivava no quintal de casa.



Figura 10: Utensílios do meu avô. Fonte: Acervo pessoal. 2023.

A casinha do fogão a lenha (Figura 11) foi construída pelo meu avô usando estrutura de madeira nos pilares e na sustentação da cobertura, com vedação em tijolo maciço.



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem



Figura 11: Casinha do fogão a lenha. Fonte: Acervo pessoal. 2023.

As práticas de carpintaria, não se restringiam apenas a sua casa, ele construía objetos e utensílios de madeira para outras casas da região. Como mostra na Figura 12 em que ele construiu cercas de madeira no quintal da casa de minha tia Valdira.



Figura 12: Cerca de madeira construída pelo meu avô, Pretinho e as galinhas no quintal de minha tia. Fonte: Acervo pessoal. 2023.



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

Meu avô, assim como muitos carpinteiros, manteve viva as tradições orais do ofício da carpintaria, e sua casa, assim como outras casas da região de Castro Alves, são reflexos dessa contribuição. A casa que meu avô morou sofreu bastante influência de elementos rurais e de técnicas tradicionais da carpintaria, mesmo inserido em um contexto urbano, refletindo a cultura da cidade e integrando a estética que se insere ao ambiente em que está inserido.

CONCLUSÃO

Os registros dos carpinteiros negros no Brasil são escassos e surgem diversos questionamentos como “onde estão esses profissionais? Onde estão suas obras? Quais seus sonhos?”, ainda que sejamos rodeados por objetos feitos por carpinteiros, essas perguntas me fizeram refletir sobre quem tem direito à “memória”. Nesse sentido, esse trabalho explorou alguns aspectos da vida e a casa do meu avô, Valdemar, como uma obra de arte a ser explorada.

Para encontrar esse legado no âmbito deste trabalho, foi necessário recuperar vestígios de sua vida profissional a partir de conversas com minha mãe, Sidnea, e minha tia, Valdira, para entender a forma de passagem do ofício como tradição familiar, a influência de África na arquitetura na casa e, sobretudo, entender a importância da carpintaria na arquitetura e, a partir disto, encontrar forças de preservar a tradição da carpintaria em tempos de tecnologia avançada.

Junto a isso, o artigo traz consigo o início de um novo debate sobre “o que deve ser considerado obra de arte na arquitetura?”, para isso, é necessário resgatar e valorizar as técnicas construtivas simples que materializaram a casa pelas mãos do meu avô, trazendo uma nova narrativa histórica que reconhece a importância da arquitetura cotidiana como obra de arte.



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

REFERÊNCIAS

CASTRIOTA, Leonardo Barci; et al. **Mestres artífices de Minas Gerais: Cadernos de Memória**. Brasília, DF: Iphan, 2012. 160 p. : il. color. ; 20 cm.

ESCOBAR, Nuncia Gabriele Guimarães; GOMES, Mariana Selister. **Colonialismo que passa, colonialidade que fica: Lutas anticoloniais brasileiras em torno da memória**. Revista África e Africanidades, Ano, XIV – Ed.38, Maio de 2021 – ISSN: 1983-2354.

FILHO, E. F. dos S., & ALVES, J. B. (2017). **A tradição oral para povos africanos e afrobrasileiros: relevância da palavra**. Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN), 9(Ed. Especi), 50–76. Recuperado de <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/464>. Acessado em 30 de agosto de 2024.

Folha de São Paulo. (2023). **Antônio Bispo: Estado e partido são colonialistas [Podcast]**.

Ilustríssima Conversa.

<https://open.spotify.com/episode/5x3U1B1EH73rxgtjq0U8rn?si=c0604b61e0314fcf>.

Acessado em: 20 de julho de 2024.

FURTADO, Francisca Andréa Brito; OLIVEIRA, Fernanda Rocha de. **Investigação sobre possíveis registros Adinkras na arquitetura brasileira**. Revista África e Africanidades, 2021. p. 47-63. Disponível em: <http://www.urca.br/portal2/wp-content/uploads/2021/07/dossieartefatos-2021.pdf>. Acessado em: 18 de abril de 2024.

KATINSKY, Julio Roberto. **O ofício da carpintaria no Brasil: justificação para uma investigação sistemática**. Revista de História, São Paulo, v. 34, n. 70, p. 521–535, 1967. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.1967.126398. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/126398>. Acessado em: 20 de abril de 2024.

KI-ZERBO, Joseph. **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África** / editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2. ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

KRENAK, Ailton. Futuro ancestral. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

OLIVEIRA, Fernanda Rocha de; FURTADO, Francisca Andréa Brito. **Currículos de Arquitetura e Urbanismo X Contribuições Africanas: Refletindo necessidades**. Revista África e Africanidades, 2021. p. 64-81. Disponível em: <http://www.urca.br/portal2/wpcontent/uploads/2021/07/dossie-artefatos-2021.pdf>. Acesso em: 18 de abril de 2024.

PEREIRA, Gabriela Leandro; PEREIRA, Mariana Leandro. **Herança + O Fabuloso Inventário das Obras do Meu Avô: A cidade como legado da arte de construir**. 2023. Disponível em:



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

<https://periodicos.ufes.br/farol/article/view/40097/28316>. Acessado em: 16 de maio de 2024

SANTIAGO, Sidnea Bispo. **Entrevista Pessoal**. Salvador, 05 de abril de 2024.

SANTIAGO, Valdira Bispo. **Entrevista Pessoal**. Castro Alves, 30 de março de 2024.

SANTOS, Antônio Bispo. **Somos da terra**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 12, página 44 - 51, 2018.

TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silenciando o passado: poder e a produção da história**. Tradução de Sebastião Nascimento. Curitiba: Huya, 2016.

Portal Idea. Carpintaria. Disponível em: <https://portalidea.com.br/cursos/carteira-de-trabalho-eprevidncia-social-apostila01.pdf>. Acessado em: 14 de abril de 2024

WEIMER, Günter. **Inter-relações Arquitetônicas Brasil - África**. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2008. Disponível em:

<https://www.ihgrgs.org.br/artigos/membros/G%C3%BCnter%20Weimer%20-%20Interrela%C3%A7oes%20Arquitetonicas%20Brasil-Africa.pdf>. Acessado em: 16 de abril de 2024

WEIMER, Günter. **Arquitetura popular afro-brasileira**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, vol. 26, pp. 291-316, 2020. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/journal/4656/465664654013/html/>. Acessado em 20 ago 2024.

Zerbetto, A.; Torres, R. (Coords.). **Mestres artífices de Pernambuco**. Brasília, DF:

Superintendência Estadual do Iphan em Pernambuco, 2012. ISBN 978-85-7334-218-5